



PENSANDO ÁFRICAS  
E SUAS DIÁSPORAS  
NEABI – UFOP

## Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2015

Anais do III Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas - parte 1

## Preservando e construindo a memória do Jongo da Serrinha

Andrea Moraes Alves<sup>\*</sup>

Carla da Costa Dias<sup>\*\*</sup>

Raphaela Ferreira Gonçalves<sup>\*\*\*</sup>

Raquel Alves dos Reis Gomes Carvalho<sup>\*\*\*\*</sup>

**Resumo:** O Projeto de extensão universitária tem como um de seus objetivos a preservação da memória do Jongo na Serrinha – comunidade situada no bairro de Madureira, zona norte do Rio de Janeiro. O trabalho pretende contribuir para a construção do imaginário da comunidade, na relação com a herança cultural, como instrumento de valorização da identidade e da história local, trazendo a temática da diáspora africana e a história da África. Esse processo é pensado a partir da direção implementada pelos moradores, artistas e educadores vinculados a comunidade jongueira, de modo a preservar e valorizar a cultura e os patrimônios locais. Materialmente, o projeto pretende contribuir para a formação do acervo do Centro de Memória da comunidade centenária da Serrinha. Para alcançar nossos objetivos, o projeto vem desenvolvendo, de modo conjugado, atividades de pesquisa de campo antropológica e atividades educativas diversificadas. Tais atividades instrumentalizam o processo de registro e promovem a reflexão, por parte do grupo, a respeito da sua própria trajetória social e acervo cultural sob o auxílio de oficinas de Memória e Cidadania, História Oral, Educação Patrimonial e Conservação de Documentos. Ações que visam registrar a memória da comunidade também vêm sendo executadas com o objetivo de organizar registros documentais da vida dessa comunidade, principalmente aqueles relacionados ao Jongo e ao Samba, guardados nas lembranças individuais, mas que compõe um acervo de memória coletiva ao alcance do cidadão. Sendo assim, pretende-se expor um panorama capaz de demonstrar o andamento das atividades que atravessam a realização do projeto. É importante lembrar que este Projeto efetiva uma parceria entre a UFRJ, através da Escola de Belas Artes e do Museu D. João VI com o Grupo Cultural Jongo da Serrinha e a ONG Escola de Jongo da Serrinha.

**Palavras-chave:** Cultura afro-brasileira; Jongo; Patrimônio imaterial; Memória; História oral; Museu.

**Resumen:** El proyecto de extensión universitaria tiene como uno de sus objetivos la preservación de la memoria del Jongo da Serrinha - comunidad situada en el barrio de Madureira, zona norte de Rio de Janeiro. El trabajo pretende contribuir a la construcción del imaginario de la comunidad, en la relación con la herencia cultural, como instrumento de valorización de la identidad y de la historia local, trayendo la temática de la diáspora africana y de la historia de África. Este proceso es pensado a partir de la dirección implementada por los moradores, artistas y educadores vinculados a la comunidad jonguera, para preservar y valorar la cultura y los patrimônios locales. En el material, el proyecto pretende contribuir a la formación del acervo del centro de memoria de la comunidad centenaria de Serrinha. Para alcanzar nuestros objetivos, el proyecto viene

\* UFRJ. Financiamento PROEXT

E-mail: andreamoraesalves@superig.com.br

\*\* raphaelafgoncalves@hotmail.com

\*\*\* carlacostadias@gmail.com

\*\*\*\* raq.argc@gmail.com

desarrollando, de modo conjugado, actividades de investigación de campo antropológico y actividades educativas diversificadas. Tales actividades instrumentalizan el proceso de registro y promueven la reflexión, por parte del grupo, acerca de su propia trayectoria social y acervo cultural bajo el auxilio de talleres de memoria y ciudadanía, historia oral, educación patrimonial y conservación de documentos. Las acciones que apuntan a registrar la memoria de la comunidad también vienen siendo ejecutadas con el objetivo de organizar registros documentales de la vida de esa comunidad, principalmente aquellos relacionados con Jongo y Samba, guardados en los recuerdos individuales, pero que componen un acervo de memoria colectiva al alcance del ciudadano. Por lo tanto, se pretende exponer un panorama capaz de demostrar el progreso de las actividades que atraviesan la realización del proyecto. Es importante recordar que este Proyecto efectúa una asociación entre la UFRJ, a través de su Escola de Belas Artes y del Museu D. João VI con el Grupo Cultural Jongo da Serrinha y la ONG Escola de Jongo da Serrinha.

**Palabras clave:** Cultura afro-brasileña; Jongo; Patrimonio inmaterial; Memoria; Historia oral.

O jongo foi reconhecido em 2005 como patrimônio imaterial, inventariado pelo CNFCP/IPHAN<sup>1</sup> junto de outros elementos relacionados às expressões de origem africana. Esse trabalho teve início em 2001, ancorado a uma metodologia de trabalho de campo antropológico e de pesquisa de fontes. Entre os envolvidos neste processo estiveram pesquisadores da área, antropólogos, lideranças comunitárias jongueiras, o Grupo Cultural Jongo da Serrinha, dentre outros. O inventário considerou uma relação de elementos que dialogassem entre algumas heranças da cultura de matriz africana e a cultura dos negros escravizados na região Sudeste. No conjunto desses elementos constam: a dança de roda, os tambores, os pontos cantados, os símbolos.

### **O Jongo e a Serrinha**

O reinventado jongo da comunidade da Serrinha se distanciou ao longo do tempo do jongo de outras localidades, especialmente daquelas mais rurais existentes no estado do Rio de Janeiro localizadas nos municípios de Valença, Barra do Piraí, Pinheiral, Paraty e Angra dos Reis. Seja por seu diálogo com o espaço urbano, seja pelo desejo de sobreviver no imaginário coletivo, podemos afirmar que o Jongo da Serrinha está em permanente movimento.

No bairro de Madureira, precisamente na Serrinha, nasceu a Escola de Samba Império

---

<sup>1</sup> Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Serrano<sup>2</sup>. Desta forma, a comunidade carrega a particularidade de ser a casa de dois importantes ritmos e, inevitavelmente, de várias personalidades jogueiras e sambistas. Mano Décio<sup>3</sup>, Mano Elói<sup>4</sup> e Mestre Darcy<sup>5</sup> são algumas delas. Estes homens fazem parte da história da comunidade, do jongo e do samba.

Madureira em tempos anteriores a República, era a fazenda de Lourenço Madureira, que posteriormente veio a dar o nome ao bairro. Famílias vieram a ocupar aquela região que se encontrava afastada do centro da cidade do Rio de Janeiro, devido às modificações urbanas que obrigaram a população moradora das favelas e cortiços das áreas centrais a procurar abrigo nos subúrbios cariocas. A população inicial era constituída de pessoas que precisavam de um local para morar, que apesar das dificuldades de infraestrutura, encontraram lá um refúgio para suas famílias. A Serrinha, diferentemente de como é hoje, ainda preservava parte original da Mata Atlântica: “Isso tudo aqui tinha fruta. Aqui só tinha

---

<sup>2</sup> Sebastião de Oliveira, o Molequinho, foi quem escolheu o nome para o Império Serrano, tendo a carteirinha número um da escola, uma verdadeira celebridade na Serrinha. Molequinho, 80 anos, filho do influente Francisco Zacarias de Oliveira, liderança da Serrinha e funcionário da Companhia de Limpeza Urbana, e de Etelvina Severa. Molequinho teve nove irmãos, entre eles Eulália do Nascimento, a famosa Tia Eulália, que faleceu em 2005 com 97 anos de idade e era uma figura lendária no G.R.E.S Império Serrano, escola de samba fundada por seus irmãos e de Tia Maria do Jongo, que hoje é a jogueira mais velha da Serrinha. (BOY, 2006).

<sup>3</sup> Segundo Valença (apud BOY, 2006, p.52) diz ser “Baiano de Santo Amaro, Décio Antônio Carlos (1909-1984), o Mano Décio da Viola, ainda pequeno mudou-se para o Rio de Janeiro, nos Morros de Santo Antônio, e em seguida para o Morro do Castelo. Foi um típico menino de rua do centro da cidade: dormiu ao relento, vendeu água, jornal, bilhetes e foi morar de favor com uma família no Catumbi. Frequentou as principais rodas de samba da cidade até gravar seu primeiro samba “Vem, meu amor” e ficar conhecido na cidade na década de 1930. Suas primeiras músicas, como a de outros compositores populares, eram vendidas para que pudesse sobreviver.”.

<sup>4</sup> Segundo Valença (apud BOY, 2006, p.12) diz ser “Elói Antero Dias, o Mano Elói (1889-1970), nasceu em Engenheiro Passos, RJ, e veio para a capital com 15 anos indo trabalhar como vendedor de balas. Passou a juventude percorrendo os principais redutos de samba da cidade, tendo muitas vezes que escapar da perseguição policial na Pedra Lisa, no Buraco Quente na Mangueira, no Morro da favela e no de Santo Antônio. Trabalhou no cais do porto onde chegou a ser presidente do Sindicato dos Arrumadores, da União Geral das Escolas de Samba (UGES) e da Federação das Escolas de Samba (FES), e fundou o império Serrano em 1947 com Sebastião Molequinho. Figura influente na cidade, era pai-de-santo, jogueiro, compositor, chegando a gravar dois LPs pela Odeon em 1930 com duas músicas cada, numa época em que era raro um negro ter acesso a este tipo de trabalho.”.

<sup>5</sup> “Darcy Monteiro, o Mestre Darcy do Jongo, nasceu em 1932 no Morro da Serrinha, em Madureira, filho de Vovó Maria Joanna e Pedro Monteiro, uma das dinastias mais importantes do jongo no Brasil. Desde cedo começou a fazer trabalhos comunitários na Serrinha, ingressando na carreira de músico aos 16 anos. Tornou-se um genial percussionista, acompanhando diversos músicos de destaque na Rádio Nacional e no Cassino da Urca nas décadas de 40 e 50, além de ter integrado a turnê brasileira do jazzista Dizzy Gillespie. Com sua família fundou o Jongo da Serrinha, no final da década de 60, inovando ao criar arranjos para o jongo com cordas, coro com diversas vozes e introduzindo crianças nas rodas, até então permitida apenas para os mais velhos.” (BOY, 2006, p.2).

mato. Esse morro quase não tinha casa. Até a gente pra ir na pedreira [...], lá atrás, a gente passava pelo mato. ”, recorda Tia Ira<sup>6</sup>, antiga moradora da Serrinha.

A ida desse contingente populacional para as periferias fez com que seus costumes também se reunissem nesses locais. Esse movimento fez da Serrinha um espaço sincrético assim como as manifestações que ali se desenvolveram. Apesar dos novos contornos, após uma série de influências e a própria mudança do contexto

histórico, o jongo que era uma forma de comunicação dos escravizados entre si na esquematização de fugas, na narrativa do cotidiano e no contato com a ancestralidade, manteve o seu viés original. As festas, os cultos e a tradição que permanece viva, pode-se dizer que encontrou nas periferias o seu reduto, que não deixa ser esquecido por se tratar da história de seus moradores. Dessa forma, reviver a memória do jongo, também é reviver a trajetória de uma coletividade.

### **Tradição e contemporaneidade: (re)inventividade no Jongo da Serrinha**

Na história do jongo da Serrinha, Mestre Darcy é um nome de extrema importância. Ele ficou conhecido por levar as rodas de jongo até as universidades na década de 1980/90. Grande visionário, musicista e professor, Mestre Darcy também foi quem transformou a sonoridade do ritmo ao inserir inventivamente o instrumento de corda no jongo, e se preocupou em transmitir os saberes que contém na tradição. Como lembra Aparecida<sup>7</sup>, em entrevista concedida ao Projeto, “uma das preocupações de Mestre Darcy era a seguinte: o jongo não é quadrado, ele é cheio de quiálteras. Uso e abuso das semicolcheias para aquele som arredondado. Ele [o jongo] não é quadrado”. A medida que a prática do jongo deixa de estar isolada no tempo-espaço e ganha uma finalidade na relação com a tradição e a preservação da memória coletiva, a incorporação de influências que antes não eram presentes passa a fazer parte tornando-se desdobramentos do ritmo original. Os tradicionais instrumentos percussivos caxambu, candongueiro e angoma puíta se misturam ao som do violão, bandolim e cavaquinho, que são incrementados pelas vozes que ecoam os pontos cheios de metáforas e magias da tradição jongueira (VARGENS; FERNANDES, 1986). A

---

<sup>6</sup> Nasceu em 1937 na Serrinha e sempre vivera lá. Conhecida moradora e mãe de santo da comunidade. Concedeu entrevista em outubro de 2012.

<sup>7</sup> Moradora da comunidade, professora e ex-aluna de Mestre Darcy. Chegou a Serrinha há alguns anos para, segundo ela “beber da fonte” e desde então mora com Tia Ira.

inserção das crianças na roda de jongo certamente é um dos elementos que leva em consideração as transformações do tradicional ritmo afro-brasileiro. O ritmo, segundo relata Tia Ira, era restrito aos “cabeças brancas”, sendo, portanto, uma dança restrita aos mais velhos. Com a entrada dos jovens no jongo o conhecimento é transmitido tal como nas tradições orais africanas onde os *griots* são preparados para serem narradores da história e da memória coletiva, a fim de que essas sejam conhecidas pelas novas gerações.

Recorrer ao passado como forma de compreensão do presente, é fazer uso da circularidade que une o *novo* e o *tradicional*, além de ressignificar antigas práticas no contexto presente. Nesse aspecto, a figura de Mestre Darcy, com as suas inovações para o jongo é de tamanha importância. A percepção de que há na Serrinha uma preocupação com a memória e que esta pode interferir no exercício da cidadania e no local habitado atribui significado a existência do sujeito, uma vez que este ao assimilar o sentimento de pertencimento ao espaço e as tradições, mescla memória individual e coletiva.

O reconhecimento de si como um agente histórico-social, pautado na construção da identidade, cria valores sociais relacionados ao grupo e ao espaço de convivência. Nesse contexto de construção de cidadania, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, também é contemplada. A Escola de Jongo da Serrinha expõe como esse olhar voltado para a África tem o poder de resgatar as raízes e a contribuição do povo negro, assim como a sua importância para a formação de uma identidade afro-brasileira.

### ***‘Mas afinal, o que é o jongo?’: ancestralidade e religiosidade***

Não é absurdo dizer que o jongo dos ancestrais tem hoje *status* de espetáculo. O jongo da Serrinha a que se assiste hoje é ancestral e religioso e, não contraditoriamente, artístico, lúdico e educativo.

Pode-se dizer que ocorre no jongo da Serrinha um movimento do *rito de roda* para a  *festa de roda*. Através de uma perspectiva corpórea as duas categorias em que o jongo pode ser entendido parte do princípio de que há a transmissão do simbólico através do material, da mensagem através de um corpo. A comunicação, seja com os ancestrais ou nas relações dos indivíduos pertencentes aquele grupo, precisa ser decodificada, e a expressão corporal é quem a faz com autoridade. Essa compreensão aparece também entre alguns dos moradores, como

[7/11]

sinalizado por Aparecida ao dizer que, segundo dizia Mestre Darcy “o jongo não é macumba, mas ele pertence à linha das almas”.

A dança para as tradições de matriz africana possibilita a unidade entre aqueles que compartilham uma tradição comum em torno, por exemplo, de elementos como o batuque, o canto, a roda e a dança. A roda, em particular, tem um sentido especial para a tradição jogueira. Nesta organização geométrica do espaço acontece a ritualística. Uma de nossas entrevistadas, moradora da Serrinha, nos conta: “eu ouvi isso, lá no interior do sul do Brasil, falavam sobre a roda de jongo, e fincavam uma faca na bananeira. Já ouviram esse discurso? Já ouviram? Da qual jorrava o que? Vinho, que era servido aos seus participantes. Muito bem. Se vocês quiserem, vão lá. Eu vi isso. Isso existe.”. Há na ritualística a comunhão entre os membros da comunidade e a saudação aos antepassados, logo, *rito* e *feira*, além de indissociáveis, são complementares um do outro. A corporeidade nesta tradição, portanto, emerge como um fluido simbólico entre o terreno e o sagrado (COELHO, 2011).

O jongo passa a ser mais que um importante ritual de culto a ancestralidade e de ligação com o transcendental, com a espiritualidade e com a religiosidade. Ele torna-se também um grande espetáculo da cultura de matriz afro-brasileira, e nesse movimento de espetacularização, enquanto manifestação cultural, é conquistado o seu espaço de pleito, luta e resistência artístico-cultural.

### **O Projeto de Extensão ‘Preservando e Construindo a Memória do Jongo da Serrinha’**

Este Projeto efetiva uma parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), através da Escola de Belas Artes e do Museu D. João VI com o Grupo Cultural Jongo da Serrinha e a ONG Escola de Jongo da Serrinha. A equipe de extensão é composta por três docentes, de História da Arte, Serviço Social e Comunicação Social; onze bolsistas distribuídos entre os cursos de História da Arte, Museologia, Serviço Social, História e Comunicação Social; e ainda uma bolsista colaboradora da ONG Escola de Jongo da Serrinha.

A comunidade jogueira da Serrinha já realiza há alguns anos ações relacionadas ao desejo de preservar a memória artístico-cultural da comunidade, reunindo materiais e desenvolvendo trabalhos artísticos e educacionais que contam e preservam a tradição e a história do jongo assim como de figuras locais importantes. O projeto, neste sentido, age

[8/11]

*Preservando e construindo a memória do Jongo na Serrinha* • ALVES, Andrea Moraes; DIAS, Carla da Costa; GONÇALVES, Raphaela Ferreira; CARVALHO, Raquel Alves dos Reis Gomes de.

numa relação de parceria que busca contribuir com a direção implementada pelos moradores artistas e educadores que de alguma forma relacionam-se com o jongo. Deste modo, pretendemos através do projeto participar organicamente do movimento que o grupo local ligado ao jongo vem tentando empreender.

Sendo assim, o projeto tem como objetivo principal e norteador o desenvolvimento de ações que visem a preservação do patrimônio artístico e cultural da Serrinha que estejam relacionados ao jongo. A realização deste trabalho vem sendo empreendida desde abril de 2012. As primeiras ações começaram a se materializar por meio do trabalho de campo, efetuado principalmente na e por intermédio da ONG Escola de Jongo da Serrinha, e do trabalho intraequipe.

Os objetivos mais específicos que delineiam o trabalho estão relacionados a inúmeras ações. Entre elas o registro da memória da comunidade por meio de entrevistas com célebres moradores da Serrinha; a organização dos registros documentais já existentes da vida da comunidade, principalmente aqueles relacionados ao jongo e ao samba; a colaboração com a construção de um Centro de Memória na comunidade por meio da exposição de propostas alternativas e viáveis de museus; a realização de oficinas educativas que trazem temas como memória, cultura, identidade, diáspora africana, dentre outras.

O projeto desenvolve de modo conjugado atividades de pesquisa de campo antropológica e atividades educativas diversificadas. Dentre as ações desenvolvidas estão a realização de entrevistas; organização, elaboração e condução de oficinas; pesquisa em arquivos e bibliotecas; produção audiovisual e fotográfica; transcrições; digitalizações de fotografias, recortes de jornais e revistas, documentos e outros materiais. No processo de trabalho a relação entre comunidade X universidade é embasada pelo princípio da *interação dialógica*. Isto significa que esta relação é construída por meio de um permanente diálogo fundamentado na troca de saberes e na ação de mão dupla.

A velha noção do discurso e do saber hegemônico acadêmico não tem espaço no trabalho investido. Outra marca que acompanha o projeto e, portanto, a metodologia das ações empreendidas é a interdisciplinaridade. Por meio dela acontece o encontro de diferentes referências teóricas com as diferentes formações curriculares, comungando sobre um mesmo 'objeto' um olhar cultural, museológico, patrimonial, histórico, antropológico e artístico. Este, inclusive, tem reunido a potencialidade de oferecer interpretações mais estéticas capazes de traduzir o inefável, ilustradas pelo recurso visual da fotografia e do

audiovisual, que são também objetivos de produção do projeto para além do material bibliográfico.

O desafio de reunir num mesmo projeto de extensão perspectivas disciplinares distintas e pontos de vista diversificados tem sido uma rica experiência. Da parte dos estudantes e professores envolvidos, foi possível delinear algumas questões que serão aprofundadas academicamente, como: as relações entre patrimônio, memória, gênero e geração; a possibilidade de construção/atualização de uma identidade étnica em um contexto urbano periférico. Por outro lado, e mais importante para a atividade de extensão, a parceria com o grupo jongo da Serrinha possibilitou a construção de um verdadeiro laboratório de interação comunidade/universidade onde pudemos aplicar e rever metodologias de produção de conhecimento. As oficinas foram, nesse sentido, o ponto alto do projeto e abriram espaço para questionamentos importantes a respeito dos objetivos e metas que uma atividade de extensão deve ter. A extensão é um ponto de intersecção produtor de um saber local. Local aqui tem o sentido de particular e, em sua particularidade, nos permite atingir de forma mais qualificada o universal.

## Referências

AZEVEDO, I. C. A.; BORTOLINI, A. Cultura e comunicação na extensão da UFRJ. *Revista Extensão na UFRJ*, Rio de Janeiro, n. zero, jul. 2011. Disponível em: [http://www.pr5.ufrj.br/revista/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15:cul-tura-e-comunicacao-na-extensao-da-ufrj&catid=1:artigos-revista-n00&Itemid=3](http://www.pr5.ufrj.br/revista/index.php?option=com_content&view=article&id=15:cul-tura-e-comunicacao-na-extensao-da-ufrj&catid=1:artigos-revista-n00&Itemid=3). Acesso no dia 24 de novembro de 2012.

BOY, Dyonne Chaves. *A Construção do Centro de Memória da Serrinha*. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2139/CPDOC2006DyonneChavesBoy.pdf?sequence=1>. Acesso no dia 24 de novembro de 2012.

COELHO, J. L. L. BATUCAR-CANTAR-DANÇAR desenho das performances africanas no Brasil. *Aletria: revista de estudos de literatura*, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.133-146, jan./abr.2011. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_pgs/Aletria%2021/21,1/11Zeca%20Ligiero.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2021/21,1/11Zeca%20Ligiero.pdf). Acesso no dia 24 de novembro de 2012.

DIAS, Carla da Costa. *Preservando e Construindo a memória do Jongo da Serrinha*. Formulário-Síntese da Proposta – SIGProj Edital PROEXT 2011. Ministério da Educação Secretaria de Educação Superior. Rio de Janeiro, 2011.

IPHAN - CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. *Jongo, patrimônio imaterial brasileiro*. Disponível em:  
[www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CDIQFjAA&url=http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=517&ei=J5-zUPPDLYOu8QS0tIC4CA&usg=AFQjCNHUKBoaKRRmHft6\\_5WoFzflpHGSuw&sig2=-fWhTAymyErwy57K\\_o1CLg](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CDIQFjAA&url=http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=517&ei=J5-zUPPDLYOu8QS0tIC4CA&usg=AFQjCNHUKBoaKRRmHft6_5WoFzflpHGSuw&sig2=-fWhTAymyErwy57K_o1CLg). Acesso no dia 24 de novembro de 2012.

SOARES, L. T. Extensão universitária na UFRJ: avanços e desafios no período 2006-2010. *Revista Extensão na UFRJ*, Rio de Janeiro, n.zero, jul. 2011. Disponível em: [http://www.pr5.ufrj.br/revista/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2:extensao-universitaria-na-ufrj&catid=1:artigos-revista-n00&Itemid=3](http://www.pr5.ufrj.br/revista/index.php?option=com_content&view=article&id=2:extensao-universitaria-na-ufrj&catid=1:artigos-revista-n00&Itemid=3). Acesso no dia 24 de novembro de 2012.

VARGENS, João Baptista; FERNANDES, Valéria. O jongo no Rio de ontem e hoje. *In: Notas musicais cariocas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.